

do amor à política

salete oliveira *

*“É feio ficar pelado? Eles dizem que é. Por quê?
Olha a lagarta, ela tá pelada, (...).”*

Hilda Hilst

Trafegar em algumas das múltiplas possibilidades do amor pode exigir destroná-lo de suas alegorias preferidas e tomá-lo cru, longe das representações que o tranquilizam para uma melhor tradução em torno de órbitas já conhecidas, insistentes portos seguros. Isto requer o exercício analítico que disseque alguns dos múltiplos feixes da sintaxe da sujeição que corrobora o espírito de gravidade do poder centralizado.

A palavra designada, também, pelo monopólio da língua:

amor. *S. m. 1. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa. 2. Senti-*

* Pesquisadora no Nu-Sol, doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e professora na Faculdade Santa Marcelina.

*mento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa; devoção, culto; adoração. 3. Inclinação ditada por laços de família. 4. Inclinação forte por pessoa de outro sexo, geralmente de caráter sexual, mas que apresenta grande variedade de comportamento e reações. 5. Atração física e natural entre animais de sexos opostos. 6. Aventura amorosa; amores. 7. Afeição, amizade, carinho, simpatia, ternura. 8. Inclinação ou apego profundo a algum valor ou a alguma coisa que proporcione prazer; entusiasmo, paixão. 9. Muito cuidado; zelo, carinho. 10. Objeto do amor. 11 Mit. Cupido. *Amor carnal. O que busca a satisfação sexual; amor físico. Amor físico. Amor carnal. Amor Platônico. Ligação amorosa sem aproximação sexual. Por amor de. Por causa de; em atenção a.¹*

As designações semânticas da palavra, apresentam algumas regularidades morais que corroboram as duas interdições modernas apontadas por Michel Foucault, em *A ordem do discurso: o sexo e a política*.² Deter-se nesta sinalização pontual, desloca a análise para o cuidado de não tomar a “exclusão” como conceito universal, enquanto saída confortável de explicação do mundo ou determinação causal de faltas que devem ser supridas por reformas que proclamam a inclusão, reversos complementares. Quando Foucault tece tal problematização, e a conecta à exclusão, explicita que a interdição inscreve-se em um jogo de três tipos de interdições (tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala) e que a própria interdição é o primeiro princípio dos sistemas de procedimentos de exclusões.

“Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser o elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a

política se pacífica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”³

Neste sentido, é que Foucault aponta para uma zona sutil na qual o discurso não é apenas o que manifesta ou oculta o desejo, mas é também aquilo que é “objeto de desejo”. A análise, assim, é arremessada para uma das especificidades que atingem o discurso: a vontade de verdade. Da mesma maneira que a interdição faz parte de um jogo tríptico, há três sistemas de exclusão que incidem, atravessam o discurso: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade como verdade de poder. Esta última, sublinha Foucault, é a de que menos se fala.

A economia dos procedimentos de controle dos discursos implica desdobramentos de rarefação, em favor do comentário; de assinatura da semelhança, em favor do autor, nos dois casos trata-se do discurso pelo jogo da identidade remetida ao mesmo e à construção da individualidade do eu, e desdobramentos de limitação, em favor das disciplinas, na medida em que a própria disciplina é um princípio de controle da produção de discursos, edificando os limites do jogo da identidade.

Amor, a palavra estancada. Não se trata aqui de elencar, exegeticamente, em tratados, o que cada denominação substantiva ou qualitativa poderia suscitar, e sim pontuar, de forma específica (exercício-experimentação), alguns termos ou implicações subjacentes ao que há de óbvio e ordinário na valoração cotidiana e,

que ao mesmo tempo se faz tema da política. Amor, sexo e política.

Amor e sexo. Amor ao sexo com amor. O sexo, quando aparece, surge decodificado dentro de padrões esperados de comportamento. Neste sentido, duas implicações conectam-se; a primeira em uma relação que só suporta dois seres definidos biologicamente como opostos e a segunda fundamentando seu vínculo a partir de uma relação monogâmica sob a expectativa familiar. Trata-se nos dois casos da lógica ontológica. No limite circunscreve-se o amor ao pressuposto da espécie, o que levado às últimas conseqüências prevê a continuidade do amor no interior de sua própria lógica como fim determinado e presumível, cujo ápice é encontrado no amor à humanidade.

Amar a humanidade, pressuposto da lógica ontológica, prescreve, para os dias atuais, o culto à prevenção contra os perigos, os perigosos. Velha prescrição. O amor é uma abstração. A humanidade é uma abstração. E, a ontologia também. Levar esta lógica ao limite faz com que se depare com “a grande meta da vida, encontrar a grande verdade”. E a grande verdade precisa erigir seu tempo predileto: a construção do tribunal. O tempo do juízo final ininterrupto, com seus incontáveis micro-tribunais. A vida é reduzida ao crime de lesa-humanidade, de lesa-sociedade, de lesa-sobrano, de lesa-verdade. A lógica ontológica sai à caça do perigo, dos perigosos.

Importa à analítica esgarçar tal lógica, a partir da perspectiva abolicionista que investe na contestação do conceito de ontologia do crime, e levando o próprio abolicionismo ao limite interessa arruinar a lógica da ontologia que serve de base à grande verdade travestida de verdade penal. O amor à pena. Vontade de verdade da grande verdade.

É oportuno lembrar que a vontade de verdade apoia-se sobre suportes e distribuições institucionais, como sublinha Foucault. Dentre alguns exemplos que ele problematiza, interessa citar, um em particular, o do sistema penal: “(...) penso ainda na maneira como um conjunto tão prescritivo quanto o sistema penal procurou seus suportes ou sua justificação, primeiro, é certo, em uma teoria do direito, depois, a partir do século XIX, em um saber sociológico, psicológico, médico, psiquiátrico: como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade.”⁴

O amor à moral. Vontade de poder na verdade ontológica. Lógica do casamento da representação na identidade. Espelhamento dos semelhantes: amor-casamento e amor-adultério. Pares idênticos pacificadores. Casamento e adultério estão prescritos na mesma lógica pois o adultério é o melhor amante do casamento, na assepsia que deve varrer o perigo da desordem. O risco da ruína da família. Do lar-gramática que procura no amante-adultério oxigenar o amor ao lar. Fidelidade e traição se irmanam como parentes próximos. O amante-terceira perna, neste caso, equivale ao papel comportado que cabe à esposa e ao marido. Gira em torno da mesma representação, no compasso da eterna espera da vontade de maioria. O amante-terceira perna vê no casamento sua maior virtude, fazendo da família sua meta, seu peso e espírito de gravidade giram em torno da órbita da moral do amor. Esposa; marido; prole obediente; amante-terceira perna se identificam no amor que irmana súdito e cidadão, polícia e sociedade, legal e ilegal, lei e moral, ovelha e pastor, juízo e tribunal, Deus e Estado. Apaziguamento do corpo e do prazer. Procriação dócil, docilizada. O sexo institucionalizado em nome de sua abstração segura: a moral do amor. “Se por uma inversão tática dos diversos mecanismos

da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações de poder, será com relação à instância do sexo que deveremos liberar-nos. Contra o dispositivo da sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres.”⁵

Amor e política. Amor à política. A política assume a conotação sub-reptícia do etéreo que deve assumir densidade no universal de seres e coisas, a espera de um contexto que venha impregnar-lhe de realidade, dissociando a carne, o físico e o ideal; elementos de representação devotados a um terceiro objeto sem, no entanto, partir de algum, ou ainda, o amor alocado no espaço público, deve emergir da devoção e não do interesse pelo objeto. Esta é a condição para que uma hierarquia linear e evolutiva seja capaz de traçar sua meta em direção a uma categoria passível de ser universalizada. Conceito amor propugnado, com insistência e regularidade, nos dias atuais. Este amor universal, por sua vez, pode e deve adquirir contornos mais elásticos, prolongando-se a outros seres ou coisas. Devotos da representação.

Gilles Deleuze, em *Diferença e repetição*,⁶ problematiza logo no início de sua análise algumas categorias inerentes à prática da representação: a mediação, a ilustração, generalidade, o exemplar e o universal. O discurso da representação orbita sobre a linguagem de variações do Mesmo como saber sobre o Outro, na medida em que, em nome da tolerância ao diferente, aquele construído no espelho identitário como o outro deve manter a distância mensurada no espelho representação do assemelhado do mesmo. Neste sentido, a representação transposta para o campo da diferença não passa de um jogo invertido da assinatura: a mediação torna-se sobreposição da mesma representação (o que

imprime a lógica); a ilustração vira alegoria; a generalidade (a lei) é convertida em inúmeras semelhanças; o exemplar catalisa aquilo que no outro é mínimo para se transformar no mesmo em algo gigantesco; o universal opera a economia da grande verdade gerindo cotas de subserviência ao absoluto.

Devotos da servidão. O amor-devoção, estágio são, esperado pela política desfaz o ruído entre amor e paixão para encadeá-los linearmente num termo totalizador e ininterrupto: compaixão. Seu elo com a *polis* é congeminado como mediação capaz de restaurar o amor perdido, pois a devoção ao diferente deve ser capaz de caber no mesmo amor agora restituído em torno da comunidade que gesta o ideal de sociedade. A compaixão parece ser a mediação preferencial no acovardamento dos indignados. O amor sai de cena como o objeto perdido e a única paixão suportável é a do amor apiedado de si mesmo. Outra e mesma forma, possível, de compor o termo compaixão.

A ruína da política

Nietzsche faz uma afirmação instigante em *Assim falou Zarathustra*: “todo grande amor não quer amor, quer mais do que isso.”⁷ Sua afirmação desloca a discussão tecida em torno do amor para fora do eixo da gramática. Pois ao fazê-lo ele estanca a palavra e arruína os valores que hierarquizam o amor subjugado ao amor apiedado de si mesmo. O amor subserviente ao valores que o constituem enquanto representação de júbilo ao próprio amor. A afirmação de Nietzsche investe na ruína da política, uma vez que não almeja nem a posição de meio e nem de fim. Não há, pois, espaço para a compaixão, meio disponível para o cidadão na comunidade, e nem de fraternidade, fim a ser alcançado pelo homem na irmandade universal da sociedade. Não há amor perdido

que deva ser restituído, tampouco perseguido, já que os valores que edificam este amor é que são o alvo. “Uma tarefa *dionisíaca* tem, de modo decisivo, como condições prévias a dureza do martelo e o próprio *prazer da destruição*.”⁸ O amor e a compaixão pelo homem é que são arruinados por uma linguagem inventada pelo descomedimento da paixão, o descompasso ruidoso do prazer e o intolerável da dor. Linguagem-invenção, instrumento cruel, que arruína a linguagem-representação meio e fim.

“Dizeis: ‘A vida é dura de suportar.’ Mas para que teríeis, de manhã, a vossa altivez e, de noite, a vossa submissão? A vida é dura de suportar; mas por favor, não vos façais de tão delicados. Não passamos, todos juntos de umas lindas bestas de carga.”⁹ Finda o tempo das bestas de carga que fazem do amor o valor de sua sobrecarga maior e da vida seu enorme fardo. “É verdade: amamos a vida, porque estamos acostumados não à vida, mas a amar.”¹⁰ O leão ruge seu não. Não basta, o não restrito ao não ainda se prende ao fio da moral. “Não é com a ira que se mata, mas com o riso.”¹¹ É preciso o sim. Mas, o sim isolado em si próprio ainda comporta o elogio ao temor do eterno retorno. É preciso um sim que redobre o sim. O eco no disparate. “Aprendi a caminhar; desde então, gosto de correr. Aprendi a voar; desde então, não preciso que me empurrem, para sair do lugar.”¹² Abolição do peso. A vida indissociável da morte que a fertiliza. Movimentos cruéis que incidem, antes de mais nada, naqueles que os praticam. A leveza da dança no meio da poeira infame da vertigem na embriaguez. “Agora, estou leve; agora vôo, agora, vejo-me debaixo de mim mesmo, agora um deus dança dentro de mim.”¹³ Riso intenso. Interessa o escândalo. O escândalo do conhecimento que sabe apenas daquilo que o corpo experimenta.

Amantes interessados na ruína da sintaxe são perigosos. Habitam no risco. Freqüentam abrigos precários. Espaços circunstanciais, transitórios, fugidios. Lançam-se sobre gestos sob a força do acaso.

É possível dizer da leveza dos amantes, cujo encontro sempre soa como a embriaguez da festa. Dispensam palavras de seus próprios deslizos. Destoam num tom absurdo. Despem roupas, máscaras, vestes mornas. Sem palavras. O reconhecimento e o estranhamento se misturam no instante preciso de um riso imprevisto. De olhos marejados. Amantes praticam o exercício de crueldade com o tempo. Só há espaço.

Locais outros na mesma palavra amante, pois interessa à analítica arruinar a soberania do significante e do significado. Soberania que se remete à ordem intocada do discurso que dissocia saber e poder, com base no temor, ao gosto de Platão — como aponta Foucault, quando se coloca a questão de como os temas da filosofia vieram reforçar e responder ao jogo de limitações e de exclusões dos discursos. A inscrição do discurso na ordem do significante, edifica seu próprio discurso no jogo entre três conceitos signos: a filosofia do sujeito fundante (jogo da escritura); a filosofia da experiência originária (leitura); filosofia da mediação universal (troca). “E se quisermos, não digo apagar esse temor, mas analisá-lo em suas condições, seu jogo e seus efeitos, é preciso, creio, optar por três decisões às quais nosso pensamento resiste um pouco, hoje em dia, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de evocar: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim a soberania do significante.”¹⁴

Amantes podem evocar e constituir a muleta do casamento, quando designam relações extra-matrimoniais, o amante terceira perna, a vida como peso da sobrecarga da muleta; podem ainda remeter ao amantinho

de carga, designação da peça, do cabo, do pau que sustenta para cima a extremidade de uma lança, ou ainda, na navegação marítima os cabos que vão da verga até o mais alto cume do mastro de um barco, para dar sustentação horizontal ou movimento vertical.

No entanto, é possível introduzir o ruído na linguagem, na palavra amante, corrompê-la, fazer vibrar o que nela há de ecândalo do acontecimento. Tomá-la pelo lado de fora. Arremessá-la na intempestividade do mar. Lugar de mar. Amantes gostam de mar. Da sua violência, de sua calmaria. Mudança de humores. Amantes desfrutam do espaço em barcos incessantemente inventados. Locais díspares.

Foucault, no texto “Outros espaços” faz uma referência explícita à conexão existente entre barcos e heterotopias. “O navio é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam, a espionagem ali substitui a aventura e a polícia, os corsários.”¹⁵

Importa à analítica não se contentar com o sossego do barco, tampouco, com a pacificação artificial das civilizações. Por isso, interessa a amantes revolver os acontecimentos. Deflagrar um contrabando, uma contra-dança, a partir do que aponta Foucault. Quando ele problematiza a discussão acerca da heterotopia, a situa a partir de uma experiência mista, heterogênea. Coloca o desafio de se tomar a atualidade do espaço, e deslocá-lo para fora da subserviência ao tempo como categoria soberana. Trata-se do espaço de fora. Espaço heterogêneo. É possível a partir da sinalização de Foucault experimentar uma nova série heterotópica não de posicionamentos, mas, de contra-posicionamentos?

Notas

¹ Definição retirada do *Dicionário Aurélio*.

- ² Michel Foucault. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- ³ Idem, p. 10.
- ⁴ Ibidem, pp. 18-19.
- ⁵ Michel Foucault. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, p. 147.
- ⁶ Gilles Deleuze. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- ⁷ Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.
- ⁸ Friedrich Nietzsche. *Ecce homo: como se vem a ser o que é*. Lisboa, Edições 70, 1989, p. 100.
- ⁹ Friedrich Nietzsche, op. cit. , 1998, p. 67.
- ¹⁰ Idem.
- ¹¹ Ibidem.
- ¹² Ibidem.
- ¹³ Ibidem.
- ¹⁴ Michel Foucault. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p.51.
- ¹⁵ In Michel Foucault. *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos III*. Rio de Janeiro, Forense universitária, 2001, p. 422. O texto escrito na Tunísia em 1967, aguardaria quase 20 anos, no vão da gaveta, “na posta da estante”, para vir a público. Foucault só autorizou sua publicação em 1984. A proximidade da morte trouxe de volta a escrita na proximidade do mar, de um calor de oceano.

RESUMO

A devoção ao amor é um dos elementos constitutivos da sintaxe da sujeição, prática constante dos devotos do amor à política. Amantes interessados na abolição da sintaxe são um perigo para a ordem da moral, pois investem na ruína da política.

ABSTRACT

The devotion to love is one of the elements that constitute the syntax of subjection, constant practice of those devoted to the love for politics. Lovers interested in the abolition of syntax are a danger for the moral order because they invest in the ruin of politics.